

## LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Maio/2009 – Vol. IV

### LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CCAZINHO: UMA EXPERIÊNCIA

Isabella de Cássia Netto MOUTINHO

(Orientador): Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

**RESUMO:** Este trabalho consiste em uma proposta de ensino de língua inglesa para um grupo de crianças que apresentam dificuldades de leitura e escrita. Tais crianças freqüentam o Centro de Convivência de Linguagens, o CCazinho, que funciona no Laboratório de Neurolinguística (LABONE), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da UNICAMP. Participam desse grupo crianças que foram diagnosticadas com patologias que interferem negativamente em sua vida escolar e psico-afetiva. A motivação para tal proposta é o interesse das crianças por conhecer palavras estrangeiras, além da possibilidade de que se tenha acesso ao letramento que elas têm dessa língua. Uma experiência com o aprendizado de uma outra língua pode abrir caminhos para outros saberes, além de fazer as crianças lidarem com suas dificuldades de leitura e de escrita em outros contextos lingüísticos.

**Palavras chave:** Neurolingüística, Dificuldades de leitura e escrita, Letramento, Língua Estrangeira.

Este trabalho é fruto da disciplina HL 904 – *Investigação Científica I*, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Irma Hadler Coudry. Pretendo, através de uma atividade de língua estrangeira que faça sentido para as crianças, mostrar que tal aprendizado pode ter um efeito positivo no enfrentamento da patologização que sofrem por apresentarem dificuldades no processo de leitura e escrita consideradas *normais* para iniciantes.

Observa-se atualmente um aumento do número de diagnósticos relacionados à aquisição da leitura e escrita: dislexia, transtorno do déficit de atenção, distúrbios de aprendizagem, transtorno desafiador opositor, são alguns deles. A condição de ter um desses diagnósticos tem funcionado como um obstáculo no processo de aprendizagem da leitura e da escrita e está associada a uma concepção normativa de língua que desconsidera, quando não *apaga*, as variedades de fala utilizadas nos diferentes usos da linguagem pelas crianças e seus interlocutores - família, amigos, colegas de escola.

Tal patologização ainda tem sido usada nos dias atuais como justificativa para o fracasso e a exclusão escolares tão comuns no Brasil, eximindo assim a responsabilidade da escola, das políticas educacionais e da família. A questão passa a ser individual, da ordem da patologia. E, assim sendo, assume-se que deve ser tratada com medicamentos ou ser simplesmente aceita enquanto tal e

responsável pela improdutividade do sujeito ao longo de sua vida. Estudos recentes realizados no CCazinho com crianças que apresentam dificuldades no processo de leitura e escrita mostram que as patologias com que foram rotuladas não se confirmam e que as dificuldades que apresentam podem ser superadas.

### **Sobre o CCazinho.**

O CCazinho segue os mesmos princípios teórico-metodológicos que a visão sócio-histórica de linguagem e de cérebro sustentada pela área de Neurolingüística desenvolvida na UNICAMP.

Compartilhar de uma visão sócio-histórica de linguagem significa considerar os textos como um produto de relações interativas do sujeito, levando em conta as condições de produção. Significa, ainda, entender e considerar as variedades lingüísticas que fazem parte da língua, esclarecendo o que é falar/escrever certo e errado, julgamentos tão comuns na escola, nas clínicas e na vida em geral.

A visão sócio-histórica de cérebro e de sujeito consiste em não encará-los como *padrão* ou esperar deles um comportamento padronizado. Segundo Coudry e Freire (2005) “padrão pode ser outra coisa: aquilo que todas as pessoas têm em comum, um mesmo aparelho para aprender: o cérebro. Mas o funcionamento do cérebro é diferente em cada um; depende da cultura e da história pessoal marcada pelas relações estabelecidas, via linguagem, no trabalho, no lazer, na vida social e afetiva, etc”.

Tal diferença do funcionamento cerebral tem sido erroneamente interpretada como desvio/patologia em nossa sociedade. Não se pode esquecer que quando se trata de um sujeito, há um cérebro em ação (Luría, 1979), um cérebro que deve ser encarado como um órgão que se modifica e se ajusta às situações vivenciadas e às condições históricas.

Conhecer a história dessas crianças, o meio em que vivem, os discursos que as constituem ajuda os pesquisadores a compreenderem sua condição em relação à leitura e à escrita.

Diferentemente do que ocorre na escola, no CCazinho as crianças entendem o que fazem com a escrita e a leitura, sendo as atividades propostas discutidas com elas, o que as fazem exercer o papel de sujeitos da linguagem e as motivam a ler e a escrever.

No CCazinho, as crianças “lêem, escrevem, soletram, jogam, dramatizam, cantam, conversam sobre acontecimentos da vida, freqüentam vários espaços da universidade (biblioteca, exposições, institutos, cantinas, praças, ginásio, auditórios) ouvem/contam histórias, lancham, pintam, dançam e assistem a desenhos/filmes”. (Coudry e Bordin - 60ª Reunião Anual do SBPC)

A análise da produção escrita dessas crianças é feita de maneira a buscar compreender que processos discursivos fizeram com que ela optasse pelo uso de uma forma lingüística e não de outra, o que desqualifica apenas descrevê-la como erro. Isso não tem sido feito pelas escolas que, ao notarem que a criança não se ajustou àquilo que é considerado como padrão, procuram uma explicação no plano individual – no corpo da criança - uma justificativa para seu fracasso e acabam por encontrá-la nas patologias.

O que se procura mostrar com a posição de não patologizar quando não é preciso é que “os chamados erros são dificuldades que podem ser superadas e não se associam à falta de capacidade ou à patologia, por parte das crianças, mas revelam muito sobre a relação da criança com a fala, a linguagem seu corpo e o escrito; sobre o modo como o processo de aquisição é conduzido, bem como sobre a necessidade de se ampliar o olhar sobre o que se apresenta como dificuldade de leitura/escrita”. (Coudry e Bordin - 60ª Reunião Anual do SBPC)

### **Proposta de atividade.**

A atividade será constituída de duas partes: primeiramente, pretende-se trabalhar com o letramento<sup>1</sup> das crianças, com as relações culturais que elas estabeleceram com a língua inglesa ao longo de suas vidas. Para isso, elas deverão ler uma história em quadrinhos do cartunista Henfil – que será adaptada pelo fato de trazer algumas palavras estrangeiras que já foram mais utilizadas no Brasil e hoje em dia não são mais. A segunda parte será realizada na semana posterior à aplicação da primeira e consiste em um jogo.

A história em quadrinhos retrata um falante de língua portuguesa dizendo a um índio que, para que ele possa se integrar, ele terá primeiramente que aprender a falar português. O índio é então levado a um passeio pela cidade, para que possa aprender a língua. A pessoa que o leva se utiliza de palavras estrangeiras que são comuns no falar do brasileiro como *jeans*, *óculos Ray ban*, *chiclettes*, *clip*, *penalty*, *hot dog*, *ketchup*, *milk shake*, *cassetes*, *stress*, *xerox*, ect. No final da história, o índio, quando perguntado se compreendeu o que havia visto, responde em inglês: “*Yes, I do!*”.

Com a leitura desta história espera-se não só conhecer o letramento das crianças em relação à língua inglesa, mas também chamar sua atenção para o fato da presença de palavras, expressões e costumes estrangeiros em nossa língua e em nossa cultura. Isso abre espaço para que elas reconheçam outros estrangeirismos, até em seu modo de falar, o que proporcionará uma discussão

---

<sup>1</sup> Letramento é aqui entendido como toda relação cultural que se apresenta em práticas e saberes.

em grupo interessante sobre a presença da língua estrangeira no nosso cotidiano, articulada, por exemplo, ao desenvolvimento tecnológico e digital. Será disponibilizado para elas um material variado de língua inglesa, motivando a possibilidade de leitura.

A proposta da atividade de língua estrangeira com as crianças é, assim, construída com base no que as crianças já sabem sobre sua língua própria língua materna e sobre a outra língua que está em foco. Isso cria uma base discursiva que possibilita a tomada de consciência de pluralidade lingüística e cultural da sociedade contemporânea e “o engajamento discursivo do aluno e o desenvolvimento de consciência crítica em relação à linguagem”. (Moita Lopes, 2003, p.45)

Tal reflexão proposta para as crianças do CCainho tem um efeito motivador para elas uma vez que se consideram incapazes de aprender dada a força que o diagnóstico que receberam tem em sua vida.

O jogo, que é a segunda parte da atividade, será utilizado como uma ferramenta que incentivará o uso da língua inglesa, tendo como objetivo principal criar oportunidades para que as crianças interajam, troquem conhecimentos lingüísticos em um clima amistoso e ao mesmo tempo desafiador, no qual elas possam agir com espontaneidade.

Serão ensinadas as estruturas “Who is this?” e “This is...” através de fotografias em apresentação de *Power Point*. Fotos de celebridades, de personagens de desenhos animados e das próprias crianças aparecerão com suas partes desconectadas ou serão exibidas parte por parte, a fim de que o grupo fique atento e possa falar quem identificam.

Ao final da atividade, cada criança deverá escrever os nomes das pessoas que foram identificadas. Aquela que conseguir se lembrar da maior quantidade de nomes será a vencedora.

### **Considerações Finais**

A partir desta atividade pretendo não apenas me preparar teórica-metodologicamente para me posicionar contra o excesso de patologização e banalização de diagnósticos e suas implicações, mas, principalmente, possibilitar a essas crianças uma oportunidade de aprender e refletir sobre a pluralidade lingüística que caracteriza a sociedade contemporânea, além de desmitificar suas incapacidades tão enfatizadas pelos diagnósticos.

---

**Referências Bibliográficas:**

- COUDRY, M. e FREIRE, F (2005). *O trabalho do cérebro e da linguagem – a vida e a sala de aula*. Fascículo produzido no Cefiel.
- COUDRY, M. e BORDIN, S. (2008) *A patologização da criança no processo de leitura e escrita*. In: *60ª Reunião Anual da sociedade Brasileira para o Progresso da ciência*. Campinas
- MOITA, L. *A nova ordem mundial, os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política*. In BÁRBARA, L. e RAMOS, R. C. G. (Orgs). Mercado das Letras, SP.
- LURIA, A. R. (1979) *Curso de psicologia geral*. (Vol. 1) Civilização Brasileira, RJ.